

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO DISCURSO DOS SUPER-HERÓIS:
O CASO *BATMAN*, *O CAVALEIRO DAS TREVAS*****THE SOCIALS REPRESENTATIONS IN THE SPEECH OF SUPER-HEROES:
THE CASE *BATMAN*, *O CAVALEIRO DAS TREVAS***Lorena da Silva RODRIGUES¹
Maria Leidiane TAVARES²

Resumo: Os super-heróis americanos trazem, geralmente, em seus discursos, um sistema de interpretação da realidade, organizando as relações do sujeito com o mundo e orientando as suas condutas sociais. A partir desse entendimento, nossa pesquisa tem por objetivo a análise discursiva das histórias em quadrinhos de super-heróis americanos, tencionando a compreensão do modo pelo qual estas personagens sofrem transformações, ao longo do tempo, em suas representações sociais e discursivas. Como base teórica para esse estudo, considerando que as representações sociais e discursivas se relacionam estreitamente, utilizamo-nos das reflexões de Moscovici (1978) acerca das Representações Sociais, aliadas às propostas da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de Formação Discursiva (FOUCAULT, 1997; PÊCHEUX, 1995) e Discurso Constituinte (MAINGUENEAU, 2000). Para essa análise, elegemos como corpus as histórias de dois super-heróis célebres das histórias em quadrinhos americanas: Superman e Batman, a partir da série "Batman, O cavaleiro das trevas". Observamos que os super-heróis vêm formando uma nova representação social nas últimas décadas, passando a representar, ao longo da história, a evolução que se afasta da imagem do semideus, em prol de um deslizamento de sentidos que constitui um sujeito fundamentalmente ambíguo em seu caráter cognitivo e psicossocial.

Palavras-chave: Representação Social, Discurso e Super-heróis.

Abstract: The American superheroes bring, often in his speeches, an interpretation of reality system, organizing the relations of the subject with the world and guiding their social behavior. Based on this understanding, our research aims at discursive analysis of the stories in American superhero comics, intending to understand the way in which these characters undergo transformations over time, in their social and discursive representations. As a theoretical basis for this study, considering the social and discursive representations are closely related, they use the reflections of Moscovici (1978) about the social representations, combined with proposals Analysis of French orientation speech, particularly with regard to concepts of Discourse Training (Foucault, 1997; PÊCHEUX, 1995) and Constituent Speech (MAINGUENEAU, 2000). For this analysis, we elected as corpus the stories of two famous superheroes stories in American comics: Superman and Batman, from the series "Batman, The Dark Knight."

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PGGL-UFC), professora da Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC – CE), contato: rodri lorena@gmail.com.

² Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC), professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE), contato: mleidianet@gmail.com.

We note that the superheroes have formed a new social representation in recent decades, to represent, throughout history, the evolution that departs from demigod image in favor of a sliding senses that is a subject fundamentally ambiguous in its cognitive and psychosocial character.

Keywords: Social Representation, Speech and Superheroes.

1. Introdução

Ao longo da história ocidental, a representação do herói vem sofrendo modificações de acordo com a mudança do contexto sócio-histórico. Desde a Antiguidade, temos as personagens que ficam no meio termo entre os deuses e os homens. Da união entre o divino e o humano surgem nomes como Hércules, Aquiles, Jasão, Enéias entre outros. Suas histórias narram feitos épicos sobre-humanos, frutos da semi-imortalidade.

Com o apogeu do teocentrismo, os heróis passam por sua primeira mudança de representação, uma vez que não há mais espaço para vários deuses, e nem tampouco para o homem, simples pecador, igualar-se ao Deus cristão. Dessa forma, na Medievalidade, os heróis humanizam-se e a figura do cavaleiro é a imagem que mais se aproxima dos lendários heróis. Nesse momento, é dever do herói-cavaleiro proteger seu rei e a Igreja. Dentro desse paradigma, apontamos Lancelot e os cavaleiros da Távola Redonda (2010), D'Artangan e os Três Mosqueteiros (2013), entre outros. Para essas personagens, os valores mais estimados são a honra, a coragem e a fortaleza, aliados ao sentimento de vassalagem para com seu rei.

Entretanto, cabe lembrar que essa mudança, ocorrida no Ocidente dominado pela Igreja católica, também produziu heróis como Beowulf (1992). Essa personagem seria uma mescla entre as representações pagã e cristã medieval. O herói ora se mostra norteadado pela força sobrenatural do destino, aspecto da cultura germânica, ora se mostra beneficiado pela vontade de Deus.

Outra mudança de representação do herói se dá com o Estado Moderno Burguês. A partir das ideias iluministas, o herói volta a ser o centro de toda representação, pois a visão antropocêntrica permite a retomada ao indivíduo. Tal representação persiste e é amplificada nos dias atuais. Assim, na sociedade contemporânea, o herói torna-se “super”. Com a incorporação do sufixo, o super-herói passa a refletir os excessos dessa realidade, passa a refletir todo o seu dinamismo.

Diante do panorama exposto, podemos observar que as personagens são, como já citamos, representações do momento sócio-histórico ao qual pertencem. Dessa forma, ao analisar o seu discurso, podemos ver incorporadas, à individualização das personagens, as representações sociais, fruto da consciência coletiva.

Desse modo, neste artigo propomos uma análise do caminho discursivo traçado por essas representações até a geração das figuras de super-heróis contemporâneos. Como material de análise, utilizaremos a série de quadrinhos *Batman, o cavaleiro das trevas*³, lançada por Frank Miller nos Estados Unidos em 1986 e, no ano seguinte, lançado no Brasil. A nossa escolha se deve por ser essa narrativa a primeira a utilizar-se do mecanismo de *Elseworld*, cuja técnica consiste em criar um universo paralelo, em que as personagens são mostradas em situações não convencionais e, assim, uma nova representação é constituída segundo um mundo de probabilidades. A utilização dessa estratégia permite que a figura do super-herói, muitas vezes, se aproxime dos anti-heróis ou mesmo dos vilões.

Focaremos nossa análise em duas bases teóricas, a saber: a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (1978) e a Análise do Discurso de linha francesa, no que diz respeito aos conceitos de Formação Discursiva e de Discurso Constituinte. Acreditamos que, coadunando com Xavier (2003), esses conceitos são relacionáveis uma vez que, muitas vezes, as representações sociais são mais claramente percebidas na tessitura discursiva.

2. A Teoria das Representações Sociais

Nas ciências humanas, foi, durante muito tempo, bastante comum o dualismo entre o individual e o social (procurar referência). A partir desse dualismo, cabem às experiências individuais percepções e comportamentos resultantes de processos subjetivos, enquanto que, ao social, cabem os processos resultantes das interações entre esses indivíduos.

Entretanto, Moscovici (1994) exorta que “não existe sujeito sem sistema e sistema sem sujeito.” (p.12). E, a partir dessa interrelação, o autor situa o papel das representações partilhadas como sendo o de assegurar que a coexistência entre esses

³ Disponível em <http://hqdigital.blogspot.com/2007/05/batman-o-cavaleiro-das-trevas.html> (Acesso em 27 de Maio de 2014)

dois mundos, o individual e o social, seja possível. Dessa relação é que se pode compreender o dinamismo da sociedade e a mudança das partes que a compõe.

Tendo em vista sujeito e sociedade, do mesmo modo que Xavier (2003), concebemos representações sociais como:

Um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade, que organiza as relações de indivíduos com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as práticas sociais e os modelos de conduta ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados. (p. 24).

A partir desse conceito, salientamos três dimensões das Representações Sociais: a cognitiva, a afetiva e a social. Da dimensão cognitiva, temos a construção dos saberes sociais. Da dimensão afetiva o caráter simbólico e imaginativo, pois, para entender o mundo e dar sentido a ele, os sujeitos sociais o fazem com sentimentos, emoção e paixão. A terceira dimensão, a realidade social, é a base das outras duas (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1998).

Assim sendo, enquanto organização do real, o estudo das representações sociais se constituiria, conforme Xavier (2003, p.23) “na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, que tornam variável a comunicação e a organização dos comportamentos sociais”.

Enquanto caráter performativo, para compreender-se a construção de uma representação social, conforme Moscovici (DATA), fazem parte do processo de estruturação de uma representação social os conceitos de *objetivação* e de *ancoragem*. Pela *objetivação* são materializadas as ideias e os conceitos. Por intermédio desse processo, esses conteúdos mentais do sujeito se projetam tomando forma, consolidando-se e, por fim, tornando-se objeto, metamorfoseando palavras em coisas. Pelo mecanismo de *ancoragem*, temos a penetração de uma representação entre as demais já existentes em uma sociedade. É somente através desse processo que a representação assume seu *status* social, com a identificação mútua de cada grupo social em relação a um mesmo objeto.

Diante do caráter inovador das representações sociais, observamos que essas têm a capacidade de atualizar conteúdos, a partir da subjetivação de objetos, conceitos e teorias já estabelecidas, uma vez que passa abarcar, além desses saberes, o

conhecimento do homem comum. Trata-se, segundo Spink (1998), da ampliação do olhar sobre o senso comum como conhecimento motor das transformações sociais.

Diante dessas noções, Xavier (2003, p. 41) esquematiza a dinâmica e complexidade das representações sociais, conforme o diagrama abaixo:



Diante disso, para uma análise das representações sociais, devem ser contextualizados o contexto e os discursos presentes nas práticas sociais.

3. O discurso e suas condições sócio-históricas de produção

A apreensão do discurso enquanto articulador entre texto e lugares sociais é apontada por Maingueneau (2000) como o interesse específico da Análise do Discurso (AD), cabendo ao analista do discurso refletir sobre “o dispositivo de comunicação e de articulação entre espaço público e maneira como o texto é organizado” (p. 169).

Conforme essa perspectiva de análise, tanto sujeito como os sentidos não são vistos como próprios de um indivíduo, mas, sim, como constituídos historicamente. Partindo desse princípio, a AD incorpora o conceito de *Formação Discursiva* (FD) proposto por Foucault, que o define como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969 *apud* MUSSALIN, 2001, p. 119).

Assim, uma FD determina o que pode ser dito, a partir de um lugar social,

delimitando o que pertence ou não daquela FD. Entretanto, apesar de apresentar fronteiras, uma FD não é fechada, mas atravessada de outras FDs.

Ainda de acordo com o conceito de FD, segundo o qual enunciados podem ser interpretados de formas diferentes a depender do local social de onde são proferidos, a língua passa a ser concebida a partir da interação verbal, como proposto pelo Círculo de Bakhtin e, assim sendo, o ser humano é concebido da relação dialógica que o liga ao outro. Nesse elo entre linguagem e sujeito, o signo passa a ser visto como ideológico, uma vez que já é habitado por pontos de vista diversos, ainda que sem significação acabada, tornando-se local de disputas pelas forças sociais que dele se utilizam. (COSTA, 2001).

Para essa perspectiva dialógica da linguagem, o conceito de *heterogeneidade discursiva* operacionaliza a análise concreta da atividade verbal. Esse conceito pretende dar conta da heterogeneidade própria do sujeito e do seu discurso. No interior da heterogeneidade discursiva, podemos distinguir claramente uma *heterogeneidade constitutiva* e uma *heterogeneidade mostrada*. A primeira delas, não marcada linguisticamente, tem seus significados construídos a partir da presença de um Outro, o que permite, assim, que a AD a defina. Já a segunda, é mostrada no próprio discurso, como a representação, dentro do discurso, de sua constituição.

Dessa forma, concebendo que a fala dos sujeitos é demarcada pela formação discursiva na qual estão inseridos e que esse mesmo sujeito somente enuncia ligado a outro sujeito, não podemos deixar de entender o discurso como constituído e alimentado por vários outros discursos. Dentro desse primado do *interdiscurso*, as relações de um texto nunca estão concebidas *a priori*, mas essas são produtos das relações entre linguagem e formação discursiva.

Entretanto, cabe notar que alguns discursos partilham certas propriedades no que diz respeito às suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação. A esses discursos, Maingueneau (2000) propõe chamar de *constituintes* uma vez que possuem “zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (p.172). Apontando desse modo, ao seu caráter auto e heteroconstituente já que o discurso se constitui “tematizando sua própria constituição” e podendo constituir assim um papel constituinte para outros discursos.

Os discursos constituintes caracterizam, enquanto constituição, em três

dimensões: a constituição como ação; a constituição como modo de organização e a constituição como conjunto de normas. Na primeira dimensão, são levados em consideração enunciação e sua legitimação, nela o discurso é caracterizado como instaurador das modalidades de sua própria emergência no interdiscurso. Na segunda dimensão, o discurso põe em evidência a coesão e a coerência das totalidades textuais. Por fim, na última dimensão, os discursos constituintes são destinados a servir de normas, garantindo os comportamentos de uma coletividade e delimitando o lugar das palavras que nele circulam. (MAINGUENEAU, 2000, p.7). Diante dessas três dimensões, o autor adverte que, para uma análise em discursos constituintes, é necessária “a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo, a intrincação entre uma representação do mundo e uma atividade enunciativa”.

4. Batman, o cavaleiro das trevas.

4.1. Caracterização do corpus: inserindo o texto no contexto sócio-histórico

A série em quadrinhos escritas por Frank Miller, em meados dos anos oitenta, é composta por quatro revistas e narra, por meio do processo de *elseworld*, um período de trevas por qual passa a cidade de Gotham, após um período de aposentadoria do velho Homem Morcego. Por conta da degradação da cidade, Batman retoma seus hábitos noturnos e começa a agir segundo as suas leis, fazendo “justiça pelas próprias mãos” e conquistando diversas inimizadas em Gotham, inclusive com a atual comissária de polícia, substituta do antigo aliado Comissário Gordon.

Ao longo do texto, a narração passa do real a um mundo subjetivo, próprio do processo de *elseworld*, em que, em um universo paralelo, as ações do agora “Cavaleiro das Trevas” passam de problemas locais e tornam-se problemas de Estado, uma vez que o “herói” se alia aos soviéticos. Nesse contexto histórico, na corrida armamentista, os soviéticos, ao mostrarem sua nova arma, despertam uma reação no presidente americano que convoca a única arma capaz de deter tal ameaça: o Superman.

Dentro da narrativa, o local de embate ideológico em que se estrutura a narrativa é o discurso da mídia, o qual se incorpora de vários discursos constituintes ao longo do texto para trilhar as diversas fases do discurso do Cavaleiro das Trevas.

4.2. Os discursos constituintes de Batman, o Cavaleiro das Trevas

A narrativa inicia-se baseada no discurso jornalístico que mescla vários discursos, como o científico, ao anunciar as mudanças climáticas, e o discurso sobre a violência, ao mostrar a criminalidade na Cidade de Gotham. Entretanto, como marca dessa representação midiática, os discursos que ali se mesclam são construídos na intenção de serem imparciais. Ao elencar de início esses dois discursos, o científico e o sobre a violência, já nos direcionam ao restante do texto, a qual se pautará nessas duas questões.

Em meio às notícias imparciais, a apresentadora diz: “ironicamente, hoje também se comemora o décimo aniversário da última vez que Batman foi avistado. Seu paradeiro continua um dilema” e acrescenta “ainda hoje são debatidos os **méritos** de sua guerra solitária contra o crime.” Dessa forma, um novo discurso, o qual chamaremos discurso heroico, é inserido no texto. Dentro desse contexto, em que são apresentadas as calamidades mundiais, o discurso heroico é construído de forma maniqueísta. Assim, dentro dessa formação discursiva, é dever do herói proteger a todos contra tudo que é mau, desde tragédias naturais à proteção contra o crime.

Entretanto, o herói em questão é o Batman, herói que desde o início foge da representação social esperada, uma vez que ele mesmo se fez herói, através da tecnologia comprada para combater o crime, motivado por questões pessoais: a vingança, sentimento nada heroico no discurso religioso.

Dentro de suas peculiaridades, Batman torna-se o Cavaleiro das Trevas e volta a combater o crime de modo nada nobre, como o esperado dentro da FD que constitui o papel do herói. Dessa forma, temos enunciados como “uma misteriosa criatura, com aspecto de morcego, foi avistada na zona sul de Gotham! Dizem que atacou e feriu gravemente três perigosos assaltantes que assolavam a região”, ao longo da narrativa. Como vemos na representação social desse herói vão sendo afastadas da FD’s maqueísta e heróica. Assim, outra FD heróica é instituída com o Cavaleiro das Trevas: um herói justiceiro que está determinado a varrer a criminalidade de Gotham a qualquer preço.

A partir do caráter discursivo dúbio, que vai se construindo ao longo do texto, Batman reformula a FD e, assim, também vai construindo uma nova representação, aproximando o herói dos vilões.

Nesse ponto, um novo componente discursivo é incorporado ao texto, o discurso político. Esse discurso, dentro do contexto histórico em que a narrativa foi produzida, a guerra fria, retoma o posicionamento maniqueísta, aplicado agora à bipolarização mundial. Assim, Batman passa a ser visto como inimigo do estado e aliado dos soviéticos. Na figura ao lado, podemos observar que o presidente americano trata o caso da personagem no mesmo nível que problemas como a fome e a desordem social.



Fonte: MILLER, 2011.

Observemos que no contexto histórico, ter um herói como aliado em plena corrida armamentista é estar um passo a frente de seu inimigo. Por esse motivo, o presidente americano recruta o herói que melhor representa os ideais americanos, o único que pode vencer o Homem Morcego. Dentro da narrativa, a representação que se faz do Super-homem confunde-se com a própria imagem do Estado americano, como podemos observar abaixo.



Fonte: MILLER, 2011.

Apesar de não nos referirmos a uma análise semiótica, em histórias em quadrinhos é impossível dissociar os signos verbais e não-verbais. Durante a maior parte da história, o nosso Cavaleiro das Trevas está em interação com as cores escuras dos quadrinhos, incorporando esse signo à sua FD. Entretanto, como visto das imagens anteriores, ao se tratar do Estado americano e de sua representação heróica, o Super-homem, outras cores são incorporadas ao discurso.

Sobre o embate dessas duas FD's, o discurso jornalístico afirma que “ou será a batalha final entre dois titãs ou o último confronto entre o Cavaleiro das Trevas... e o poderoso Homem de Aço.” Observa-se aí uma intertextualidade com o discurso mítico ao se fazer uma referência à luta entre os deuses que disputavam o comando do Olimpo. Observamos ainda a heterogeneidade mostrada e o posicionamento da notícia ao observar que ao Homem de Aço fora adicionado o adjetivo “poderoso.”



Fonte: MILLER, 2011.

Mesmo representando o risco político, como afirmado acima, o discurso de Batman não vai de acordo com suas ações, pois, no quadro que se segue, vemos a lendária batalha entre os heróis e os métodos obscuros do Cavaleiro das Trevas, o qual sintetizara a criptonita, ponto-fraco do rival. Sobre a tecnologia utilizada, o Homem Morcego afirma “levei anos e custou uma fortuna. Por sorte eu tinha as duas”, tal discurso o aproxima mais de uma formação neoliberal do que de uma representação comunista soviética. Podemos nos referir a isso, pelos discursos que se inter-relacionam, assim mesmo com a representação soviética, a personagem ainda reflete seus hábitos de sua formação discursiva anterior.

Após o desenrolar da história, a vitória do confronto fica com o Homem de Aço e há uma suposta morte do Cavaleiro das Trevas – há a sugestão de que se trata somente de um plano para poder agir ainda mais nas sombras e no submundo, distante dos holofotes da mídia e da sociedade. Ou ainda, como observado na figura que se segue, uma vitória do bem contra o mal ou, ainda, uma vitória dos Estados Unidos contra a ameaça comunista, o que reforça a suposta morte como artifice para oferecer uma vitória.



5. Considerações finais

Observamos, ao longo da construção discursiva de *Batman, o Cavaleiro das Trevas*, a inter-relação entre diversos discursos constituintes. Esses discursos constituintes, como o maniqueísta e o mítico, refletem-se no discurso heroico, assim como o discurso jornalístico e o discurso político.

Nessa história em quadrinhos, uma nova FD é construída para os heróis, aquela que o permite ser constituído da representação do bem e do mal, concebendo-os como seres mortais que realmente o são. Apesar de seus discursos e suas ações fugirem da representação do herói prototípico, essa imagem de herói é a que mais se aproxima do conceito de *super-homem* nietzscheano, conseguindo afastar-se de seus medos, ainda que parcialmente, e tornado-se *Além do bem e do mal*.

Entretanto, no contexto sócio-histórico em que a narrativa foi escrita, as noções de bem e mal são incorporadas à política e, em consequência disso, o super-herói passa a representar toda uma nação, perdendo sua identidade individual. A partir daí, o herói deve se adequar à FD discursiva que mais o representa, não sendo concebido que este pertença a mais de uma FD, ainda que a identidade discursiva seja produto de um interdiscurso.

A partir da análise do caso do Cavaleiro das Trevas, observamos que, ainda em um texto com propósito comunicativo que vise ao entretenimento, o signo é ideológico. A partir da inovação de construção discursiva presente nessa narrativa, a imagem do herói passa a ser redimensionada e novas personagens surgem seguindo esse paradigma.

Referências

- COSTA, N. B. **A produção do discurso litero-musical brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2001.
- DUMAS, A. **Os três mosqueteiros**. Trad. André Telles e Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S, **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa **Revista do GELNE**. Fortaleza: v.2. n.2, p.167 – 178, 2000.
- MILLER, F. **Batman, o cavaleiro das trevas**. São Paulo: Panini Livros, 2011.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. Prefácio. *In*: GUARESCHI,P; JOVCHELOVITCH, S, **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.
- PYLE, H. **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**: edição comentada e ilustrada. Trad. Vivien Kogut Lessa de Sá. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- SPINK, M.J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. *In*: GUARESCHI,P; JOVCHELOVITCH, S, **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TOLKIEN, J. R. R. **Beowulf**. Tradução, introdução e notas de Ary Gonzales Galvão. São Paulo: Hucitec, 1992.
- XAVIER,R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre: v.14. n.2, p. 18-47, jul./dez. 2002.